

Casa de Vilarinho de São Romão

Tradições restauradas

Num país que defende a bandeira do turismo, a Casa de Vilarinho de São Romão – situada na fronteira entre o Douro e Trás-os-Montes – representa uma história de sucesso na recuperação e preservação da arquitectura e das nossas tradições. Para o viajante, constitui uma possibilidade em aberto de conhecer e apreciar um dos mais encantadores lugares de Portugal.

Quando se chega ao Douro, rapidamente nos apercebemos porque é considerado uma região vinhateira. A paisagem, com as vinhas dispostas nas encostas e o rio ao fundo, produz uma sucessão de planos e volumes impressionantes. Nesta região de seculares tradições, toda a população está directa ou indirectamente ligada ao vinho. Uma parte continua a viver com base na economia doméstica, alimentando-se dos produtos da horta, do galinheiro e da matança do porco. Muitos baixam ao vale do rio para prestar serviços sazonais: no Inverno, as operações de poda, da enxertia e de monda; na Primavera, a sulfatação; e, no calor do Verão, o saibramento de novas vinhas e a vindima. No que toca ao habitar, as casas de xisto, com a sua pedra lascada e cor ocre, resistem firmes e imperturbáveis aos avanços do tempo. Visitar este espaço, remetido entre montes e rios, permite-nos coabitar com gente habituada à rudeza de um terreno que não os poupa a esforços, descobrir velhas tradições e desfrutar de residências tão emblemáticas como a Casa de Vilarinho de São Romão

Vilarinho de São Romão

Vilarinho de São Romão é o nome da antiquíssima povoação onde foi construída esta casa. É, igualmente, o nome nobiliário dos seus antigos proprietários. A localidade é mencionada nas Inquirições de 1220 e há quem lhe atribua um foral outorgado em 1258 por D. Afonso III. O casario situa-se num cabeço. Com a sua vistosa e fértil localização, na margem direita do rio Pinhão, é ponto de passagem obrigatório para quem vem de Vila Real em direcção ao Pinhão.

Esta região vitícola do Alto Douro Central abrange os concelhos de Alijó, Sabrosa, Tabuaço, bem como a parte ocidental dos de Carrazeda de Ansiães e São João da Pesqueira. A extrema e variada configuração do seu relevo, a sua irregular disposição, as rápidas mudanças de altitude, variadas disposições das suas encostas, sucessão de microclimas, abundância de águas, diversidade de terras, conferem-lhe uma personalidade única.

Uma casa secular

À chegada a Vilarinho, depois de percorrermos cerca de três quilómetros desde Sabrosa, em direcção ao Pinhão, deparamos com um enorme portão verde defendido por um muro e um conjunto de ameias. A seu lado encontra-se a capela de Casa de Vilarinho, fundada em 1452.

Passado o portão, a entrada para a casa faz-se por uma longa e bonita alameda de plátanos. Ao fundo avista-se a fachada, austera e imponente, tão característica das residências do Douro do século XVII. Sobressai um conjunto de janelas, colocadas sem um ritmo certo, a escadaria em granito e um magnífico alpendre.

No vasto terreiro que recebe os visitantes, uma lindíssima fonte de cantaria e um tanque em pedra conferem solenidade ao espaço.

No interior da casa, com a planta projectada em forma de cruz, ressaltam os salões de proporções medianas, os seus tectos de masseira oitavados, as cantarias em granito e as madeiras que resistiram ao passar dos anos.

Acabámos de entrar numa casa secular que conheceu épocas distintas e tratos diversos. Na actualidade, a Casa de Vilarinho de São Romão é o resultado de um projecto turístico e fruto de um árduo trabalho de recuperação levado a cabo por Cristina van Zeller.

A descoberta

A antiga Casa dos Viscondes de Vilarinho era, em 1993, um mero espectro do esplendor de outras épocas. Ao contrário do que sucede com muitas casa de turismo de habitação, este imóvel não constitui um património transmitido de geração em geração. No último século foi vendida por diversas vezes.

Primeiro deixou a família dos viscondes – grandes proprietários e senhores de inúmeras casas na região – numa altura em que as visitas eram escassas e os sinais de abandono visíveis.

Foi adquirida por um proprietário da região interessado nos hectares de vinha. Começaram então os anos consecutivos de degradação. Mais tarde, foi comprada por uma família com a intenção de a transformar em casa de férias. Uma série de adversidades manteve, porém, a casa ao abandono.

Foi então que Cristina van Zeller e António Carvalho e Melo souberam, por mero acaso, que o imóvel estava à venda. Andavam à procura de um espaço fora da cidade de Vila Real, uma casa de campo, com espaço e terreno agrícola. Depararam com uma casa de características únicas e avassaladoras. O projecto inicial da casa no campo deu lugar a uma perspectiva de negócio: comprar a casa sim, mas com o objectivo de nela desenvolver um projecto turístico lucrativo. Para Cristina van Zeller, então professora de liceu, tinha surgido uma excelente oportunidade e um desafio de larga escala.

Em 1995, o ano da compra da Casa de Vilarinho, o ensino fica para trás. A sua relação com o Douro e a tradição familiar fazem-na avançar.

O projecto

Após o primeiro grande triunfo – a compra da casa – chegara a hora de enfrentar o monstro. Por “monstro”, refiro-me às centenas de passos, à infinita burocracia e aos milhares de horas necessárias para levar em frente um projecto com esta dimensão.

Era preciso elaborar e apresentar um minucioso projecto à Direcção-Geral de Turismo. Após um tempo de espera, e umas quantas alterações, Cristina van Zeller recebia a aprovação oficial para converter a Casa de Vilarinho ao turismo. O passo seguinte, face ao investimento previsto, exigia solicitar um apoio financeiro. Foi necessário arquitectar um plano de viabilidade económica, o que, traduzindo, significava elaborar dezenas de orçamentos, discriminar ao detalhe toda a panóplia de necessidades, desde os esgotos às toalhas de mesa, passando pelos móveis, abastecimento de água, reconstrução e tudo o mais que a imaginação, aliada à necessidade, pudesse enumerar.

A reconstrução

Em 1998, finalmente, começavam as obras e mais um intenso período nas vidas de Cristina van Zeller e António Carvalho e Melo. A ideia inicial era recuperar mantendo o espírito da casa, como um repositório da forma de viver das famílias durienses. Assim aconteceu, mas muito cedo constatou-se que a recuperação iria dar lugar à reconstrução. Começaram pelo telhado: ao levantarem as telhas verificaram que a estrutura e as madeiras estavam danificadas. Teria de se fazer tudo de novo. A partir daí regista-se uma sucessão de imponderáveis: era preciso derrubar aquilo que aparentemente estava bem; a parede em tijolo teria de ser, afinal, em xisto... uma sequência interminável.

A própria organização da casa não tinha sido concebida a pensar no turismo. Contabilizava-se, por exemplo, uma única casa de banho, um *“espécie de salão de estar”*, como recorda Cristina van Zeller. As transformações, adaptações e reformulações prolongaram-se à antiga adega, às dependências agrícolas e a cada pequeno recanto desta residência com cerca de 1.200 metros quadrados.

Uma casa renovada

Foi no dia 8 de Outubro de 2000 que Cristina van Zeller recebeu o seu primeiro grupo de convidados. Guarda desse momento a sensação de estar a receber amigos. Apesar de faltarem pequenos pormenores, como a conclusão dos magníficos tectos oitavados, a casa oferecia todos os confortos.

Os materiais novos utilizados na reconstrução foram perfeitamente integrados com as velhas pedras e as madeiras centenárias. Para Cristina van Zeller tratava-se de *“manter tudo o que era essencial como espírito da casa, transformando-a num espaço cómodo e adaptado ao tempo”*.

De facto a casa convida ao passar das horas e a uma vivência descontraída. Nos dias de Inverno, o aquecimento central alia-se à lareira da magnífica sala de estar, onde se pode tomar um chá precioso e provar uma generosa fatia de bolo. Os hóspedes da Casa de Vilarinho podem contar com o máximo conforto e atenção. Os quartos são amplos, dispendo todos de uma antecâmara e casa de banho com aquecimento central. A decoração é simples e muito acolhedora, com as suas peças de mobiliário antigo e a predominância dos tons campestres. Para os mais aventureiros, mesmo em pleno Inverno, vale a pena o risco do frio para dar um passeio a pé, sentir o ar do campo, apreciar a paisagem pelas

encostas dos 10 hectares que cercam a casa e visitar os muitos locais de interesse. Nos meses de Verão, os hóspedes podem usufruir da piscina, inserida estrategicamente num socalco e voltada para as largas encostas vinhateiras.

A Casa de Vilarinho é única, porque única é a sua envolvência. Chegamos e partimos numa encruzilhada para os sentidos. Entre vales e encostas, entre o Douro e Trás-os-Montes, os rios e a aridez, o passado e o presente, entre o calor e o frio, os sabores doces e o gosto intenso da culinária, entre a rudeza da pedra e a nobreza da madeira, Vilarinho oferece-nos uma viagem no tempo, com um requintado sabor a tradição.

A festa do fim da vindima

Sendo esta uma região vinhateira, o cerimonial repete-se e a tradição cumpre-se também aqui, na Casa de Vilarinho, todos os anos. No fim da vindima, o último cacho de uvas, retirado do mais bonito ramo, é entregue à dona da casa, acompanhado de versos e cantares. A *roga* – grupo de pessoas que levou a termo a vindima – reúne-se à volta de um manjar, fornecido pelos proprietários da casa, e festeja o fim do trabalho, sempre acompanhada pela música de um tocador.

Curiosidade da Casa de Vilarinho de São Romão

- O 1º visconde de Vilarinho de São Romão foi par do Reino, prefeito de Trás-os-Montes e deputado às Cortes Constituintes.
- O 3º visconde foi uma figura destacada nas técnicas e ciências agronómicas. Deixou uma importante obra escrita e introduziu a prática da enxertia da videira em pés de “americano”.
- A quinta da Casa de Vilarinho de São Romão foi um dos primeiros locais onde se efectuou a sementeira da batata em Portugal.
- Esta propriedade agrícola chegou a atingir uma produção de cerca de 200 pipas de vinho, mas em meados do século XIX, com a invasão da filoxera, a produção baixou para menos de três pipas.

Gastronomia

É bem conhecido o apetite das gentes do Douro e Trás-os-Montes por uma culinária de sabores intensos: nesse legado de especialidades incomparáveis, salientam-se, por exemplo, o bacalhau com broa, as perdizes de escabeche ou, no que respeita à doçaria, o pudim de ovos. E em toda a região a gastronomia associa-se ao gosto de receber bem os seus convidados. Uma combinação que Cristina van Zeller faz questão de reforçar na Casa de Vilarinho.

Apesar de não existir uma ementa diária, a cozinha está aberta a servir os mais tradicionais e requintados pratos, acompanhados de uma cuidada selecção de vinhos do Douro, entre outros. Basta que os convidados solicitem as refeições com alguma antecedência, em particular para os pratos de caça.

in Casas de Portugal, Abril de 2002